

PRONOMES E CATEGORIAS VAZIAS EM PORTUGUÊS DO BRASIL

Charlotte Galves

IEL - UNICAMP

I. ALGUMAS PARTICULARIDADES DO PORTUGUÊS DO BRASIL

O objetivo deste texto é trazer alguma contribuição para a compreensão e explicação, no âmbito de um quadro teórico já estabelecido, do funcionamento de um dialeto do português que chamaremos aqui, em parte abusivamente, de português do Brasil. Partiremos na realidade de dados tirados da língua oral falada nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais que parecem ser aceitos por estudiosos do assunto (ver referências); foram retirados de conversas, documentos autênticos e pesquisas anteriores. Na falta de melhor denominação, chamaremos esse recorte lingüístico de português do Brasil, em abreviação, PB. Na realidade esperamos que a multiplicação de trabalhos a seu respeito permita uma melhor definição desse dialeto e em última instância o reconhecimento da sua existência, coerência e legitimidade. Por enquanto, o seu caráter oral e a sua coexistência com outros dialetos do português até nos mesmos falantes dificulta ainda mais a tarefa do linguista de basear-se em dados relevantes. Contudo, basear-nos-emos na intuição e nos corpora já existentes para tentar entender como funciona algo que, mostraremos, não deixa de ser sistemático.

I.1. Pronome nas relativas e categoria vazia nas frases simples

Partiremos de duas características do PB que o distinguem, tanto do português de Portugal (PP) quanto de outras línguas românicas. Trata-se por um lado do uso freqüente do pronome lembrete nas relativas e por outro lado da possibilidade de aparecer, nas frases simples, um objeto direto vazio (não lexical)-ou, em outras palavras, uma categoria vazia em posição de objeto. Essas duas características são ilustradas nos exemplos (1) e (2):

- (1) Tem uma porção de gente aqui, que eles sabem muito mais ler do que eu. (ex. de Mollica (1977))
- (2) - Achei lindas flores na feira.
- Você compra - para mim amanhã?

Esses fenômenos foram recentemente objeto de vários estudos, seja do

ponto de vista da variação lingüística: Kato (1981), Mollica (1977), Tarallo (1983) no que diz respeito ao uso do pronome lembrete nas relativas, ou no quadro da teoria chomskiana de "regência e vinculação": (Chomsky (1981),(1982), Moreira (1983) para o pronome lembrete e Wheeler (1981) para o objeto vazio, mas não relacionados sistematicamente entre eles ou com outros fatos envolvendo o uso do pronome lexical vs o uso da categoria vazia. Ora, desenvolvimentos recentes da teoria de regência e vinculação mostraram o interesse para o estudo das línguas particulares e, para a gramática universal, da distribuição dos pronomes e das categorias vazias, o português falado no Brasil trazendo dados particularmente interessantes. Tentaremos aqui começar esse estudo sistemático com o objetivo de entender melhor o que está em jogo nas particularidades do PB em relação ao PP ou às outras línguas românicas e também propor algumas sugestões quanto à discussão geral envolvendo essa distribuição em outras línguas.

Baseando-nos nos dados exemplificados em (1) e (2), já podemos fazer uma primeira observação que aponta para o âmbito da discussão que se segue: o uso do pronome nas relativas e da categoria vazia objeto nas frases simples vai contra a generalização verificada nas línguas que não admitem esses dois fenômenos e que podemos esquematizar assim:

- (3) estruturas relativas: categoria vazia,
 *pronome lexical
 frases simples: *categoria vazia
 pronome lexical

Verificamos que se dá em PB uma neutralização da distribuição complementar e exclusiva da categoria vazia e do pronome lexical nas relativas e nas frases simples já que as duas opções parecem possíveis nos dois casos, o que expressaremos pelo seguinte esquema:

- (4) relativas { categoria vazia
 pronome lexical } frases simples { categoria vazia
 pronome lexical }

É interessante notar que essa variação só é permitida no dialeto standard de várias outras línguas num tipo de estrutura: as construções topicalizadas (chamadas de "deslocadas à esquerda" em Chomsky (77) quando aparece um pronome). É o caso em particular do português de Portugal e do inglês:

- (5) a. O João, vi-o ontem.
 b. O João, vi ontem.

 (6) a. John, I saw him yesterday.
 b. John, I saw yesterday.

Chomsky (77) propõe para o caso das "deslocadas" (exemplos (a)) uma regra de "predicação" que marca o pronome como correferente do sintagma nominal lexical João ou John.

Ele considera que se trata de uma regra de discurso por não obedecer às restrições sobre a gramática de frase. (Recentemente, em particular a partir do trabalho de Williams (1980) o âmbito dessa regra tem sido consideravelmente ampliado, voltaremos a esse ponto mais detalhadamente). Os casos (b) são derivados via uma regra de movimento na encaixada, idêntica à que se verifica nas relativas. Nos dois casos, o SN lexical é diretamente gerado na sua posição definitiva.

Quanto à interpretação de (5a), (6a) versus (5b), (6b), Chomsky parece considerar que é a mesma, mas - pelo menos no que diz respeito ao português de Portugal - podemos apontar para a seguinte diferença: o uso do pronome confere ao SN lexical um valor de tópico, enquanto que, no caso das frases com categoria vazia, o que mais predomina, é a interpretação de focus, ou seja, no caso de (5b), o SN opõe-se a todos os SNs susceptíveis de aparecer no seu lugar, levando à seguinte interpretação: "Vi o João, mas não vi nem o Pedro, nem o Paulo etc...". Ora, num texto anterior² Chomsky associa às frases comportando um SN focalizado uma representação em forma lógica comportando um operador lógico ligando uma variável. No caso de (5b), teríamos assim a seguinte forma lógica:

$$(7) \left[\text{Para } x = \text{João} \right], \left[\text{vi } x \text{ ontem.} \right]$$

A interpretação envolve portanto uma variável vinculada, como nas relativas ou interrogativas, em que também aparece uma categoria vazia.

A formalização proposta em Chomsky (1977) para o que o autor chama de topicalizadas (os casos (b)) é ligeiramente diferente mas também comporta uma variável vinculada. Para (5b) a forma lógica seria:

$$(8) \left[\text{João} \right]_{\text{TOP}}, \left[\left[\text{o qual } x \right]_{\text{S}} \left[\text{vi } x \text{ ontem} \right]_{\text{S}} \right]$$

Podemos assim verificar uma distinção entre o uso do pronome e da categoria vazia em português de Portugal: a segunda recebe uma interpretação de variável vinculada que implica uma maior subordinação da sentença ao SN, ou seja, o SN impõe limites ao valor da variável. No caso do uso do pronome, o que temos é uma simples indicação de tópico discursivo, não implicando exclusividade: quando se diz (5a), não implica - como parece ser o caso em (5b) - que não se viu Paulo ou Pedro.

A distinção é, de fato, sutil, mas é importante para o resto da nossa análise já que aponta para uma distinção entre uso da categoria vazia e do pronome. O que temos que explicar agora é porque a alternância é tão ampla em PB enquanto que em PP ou em inglês, limita-se a um tipo de estrutura sendo muito mais marginal em outras - as relativas (cf. nota 1) - e impossível nas frases simples.

I.2. O uso do pronome lexical

Antes de levar mais adiante a investigação da distribuição dos pronome

mes lexicais e das categorias vazias, queria fazer mais duas observações sobre o uso do pronome lexical em PB, uso que distingue esse dialeto do de Portugal e que, veremos, está relacionado com o problema que nos interessa: trata-se, em primeiro lugar, da possibilidade de usar o pronome pleno ele em posição objeto, tanto nas frases simples quanto nas relativas, como se vê em (9) e (10).

(9) Encontrei ele ontem.

(10) Esse moço aí que vi ele ontem...

Wheeler (1981) relaciona esse uso com a possibilidade da categoria vazia em posição objeto nas frases simples, observando que "in languages where the option of a bare pronoun is not available, a missing object is not an option either". Voltaremos a essa afirmação que permite à autora postular uma regra de apagamento do pronome pleno, e tentaremos dar conta dessa correlação em outros termos.

A segunda observação diz respeito ao uso do pronome lexical em posição sujeito. Nesse caso, parece acontecer exatamente o oposto do que se verifica na posição objeto: enquanto que o PB se distingue do PP pela possibilidade do objeto vazio, parece avesso ao sujeito vazio, opção não marcada em PP. E, fato particularmente interessante, essas duas particularidades do PB parecem ter surgido juntas historicamente. Encontramos evidências para essas duas afirmações em Tarallo (1983). No que diz respeito aos dados sincrônicos, verificamos que, segundo os termos do autor, a "retenção pronominal", ou seja, o uso do pronome lexical versus a categoria vazia é, no corpus estudado, de 63,6% em posição sujeito e 18,2% em posição objeto (op.cit. tab. 6.2, p. 166). Quanto à diacronia, encontramos uma mudança significativa entre os dois últimos períodos estudados pelo autor desse ponto de vista, correspondendo respectivamente à primeira e segunda metade do século XIX³. Com efeito, a tabela 6.19 de Tarallo mostra a seguinte evolução nos quatro períodos estudados pelo autor quanto à retenção pronominal em posição sujeito e objeto:

	período I	período II	período III	período IV
posição sujeito	23,3%	26,6%	16,4%	32,7%
posição objeto	89,2%	96,2%	83,7%	60,2%

Convém observar que neste caso, por razões óbvias, os dados foram retirados de documentos escritos se aproximando da língua falada, peças de teatro e cartas. A influência da norma escrita portuguesa não deixa portanto de ser sentida. Mesmo assim, constatamos um salto sensível no uso do pronome entre os períodos III e IV mostrando claramente uma evolução no sentido dos dados atuais: maior uso do pronome lexical em posição sujeito e decréscimo em posição objeto, correspondendo ao recurso crescente à categoria vazia nessa posição.

I.3. O problema: a distribuição dos pronomes lexicais e das categorias vazias em PB

A pergunta que surge depois desta rápida apresentação dos fatos que servirão de ponto de partida à nossa reflexão é se a distribuição dos pronomes e das categorias vazias em PB é totalmente imprevisível, dado o esquema (4) que permite a escolha, ou se existem restrições enunciáveis a nível da sintaxe que possam bloquear a escolha em certos casos ou que permitam pelo menos relacionar essa escolha com uma interpretação particular dado as implicações a nível da estrutura das frases. Já mencionamos os dois casos: o das "topicalizadas" versus as "deslocadas" em que a escolha parece significativa e por outro lado a assimetria sujeito/objeto verificada com o uso do pronome ele, sendo que a posição sujeito parece impor muito mais restrições ao uso da categoria vazia nas frases simples. Deve-se ressaltar aliás que essa tendência também se verifica nas relativas onde, segundo Tarallo (1983) encontramos 10% de re tenção pronominal em posição sujeito contra 2,6% em posição objeto.

Note-se que até agora - deixando de lado as considerações diacrônicas que, sozinhas, são têm valor indicativo - a única razão que norteou as correlações que fizemos aparecer entre os fenômenos mencionados foi o fato de constituírem particularidades de uma língua, o PB, em relação a outras com as quais se parece em outros aspectos, sendo que a comparação que mais chama a atenção é a que se pode fazer com outros dialetos da mesma língua, o português. Numa teoria da gramática universal, como a desenvolvida ultimamente por Chomsky, e que inclui em particular a noção de parâmetro, essas "particularidades" assumem um caráter particularmente importante já que podem ser encaradas como a manifestação de uma diferença abstrata dessa língua com um grupo de outras. Por outro lado, a procura desse parâmetro nos permite entrar mais adiante na compreensão do funcionamento da língua em questão e explicar as correlações constatadas empiricamente. Essa direção de pesquisa é ambiciosa e encontra várias dificuldades - a maior sendo a "resistência" da língua a uma descrição realmente confiável, nem corpus nem intuição resolvendo definitivamente o problema - mas tem-se revelado muito valiosa tanto para a construção da teoria da sintaxe quanto para o nosso progresso na compreensão do funcionamento das línguas. É por esse caminho que tentarei enveredar aqui consciente de que se trata dos primeiros passos e que haverá necessidade de mais estudos para manter ou infirmar as conclusões a que se chegará. Devo enfim ressaltar que este trabalho, como já foi mencionado, se baseia em vários outros que se já propuseram analisar vários aspectos do PB, mas que, a meu ver, não buscam suficientemente as correlações existentes entre esses aspectos.

II. PARA UMA EXPLICAÇÃO DA DISTRIBUIÇÃO PRONOMES LEXICAIS/CATEGORIAS VAZIAS EM PB

II.1. O PB língua "de tópico" ou "orientada para o discurso"

Tentarei mostrar a seguir que a distribuição dos pronomes lexicais e das categorias vazias em PB decorre de esse ser, senão totalmente, pelo menos em par

te, uma língua "de tópico" ou "orientada para o discurso". Essa caracterização já se encontra em Pontes (1981) que a partir da tipologia de Li e Thompson, dá um grande número de evidências nesse sentido⁴. De maneira interessante, Pontes aponta para a dificuldade de integrar essa análise ao modelo transformacional clássico. Ora, parece haver agora, na teoria mais recente de Chomsky, um quadro explicativo particularmente interessante para articular o problema que nos interessa aqui e a noção de língua de tópico. Em particular, essa articulação está proposta em Huang (1983), trabalho que usarei aqui de maneira determinante.

Huang parte da constatação que em chinês, como em PB, a escolha do pronome ou da categoria vazia, em posição de objeto, tem incidência a nível da interpretação da sentença; em posição sujeito, pelo contrário, essa escolha não parece ter consequência semântica. Os exemplos de Huang são os seguintes (op. citado p. 12 e 13):

- (11) João_i disse que [e]_i viu Pedro
- (12)*João_i disse que Pedro viu [e]_i ;
- (13) João_i disse que [e]_i ; gostaria de conhecer Maria
- (14)*João_i sabe que Maria gostaria de conhecer [e]_i ;
- (15) João_i disse a Maria_j que [e]_i ; gostaria de conhecer ela_j melhor
- (16)*João_i disse a Maria_j que gostaria de conhecer [e]_i_j melhor

Esses exemplos mostram que uma categoria vazia em posição objeto (ex. (12), (14), (16)) não pode ser co-referente de um SN aparecendo na sentença. (15) por sua vez mostra que esse comportamento não é compartilhado pelo pronome lexical, já que nessa sentença ela e Maria podem ser co-referentes. Enfim, (11), (13) e (15) mostram que uma categoria vazia sujeito pode ser co-referente de um SN anterior na sentença. Diremos até que parece ser a interpretação preferencial e que no caso de aparecer o pronome lexical nessa posição a tendência seria não interpretá-lo como co-referencial de João⁵.

Reencontramos aqui a assimetria sujeito-objeto mencionada acima. Por outro lado verificamos que categoria vazia e pronome não são sempre permutáveis e já temos elementos para enunciar uma primeira restrição: uma categoria vazia objeto não pode ser vinculada por um SN aparecendo na mesma sentença.

Mas, como Huang mostra para o chinês, essas categorias vazias podem - e devem - remeter a "um SN cuja referência é fixada no discurso". A sua referência deve, em outras palavras, ser o tópico do discurso, "alguém ou alguma coisa que é objeto do discurso". Isso fica claro quando esse tópico aparece em posição inicial da frase:

- (17) Paulo, João disse que Pedro encontrou [e]_i ontem.

É o caso das "topicalizadas" que mencionamos acima. Mas, como em chinês, pode se imaginar um contexto em que, sem tópico expresso na própria sentença, frases como as seguintes são interpretáveis remetendo a um objeto ou uma pessoa de quem se está falando

(18) Ele disse que faria [e] amanhã.

(19) Ele disse que encontraria [e] logo que pudesse.

Nas frases simples, a ocorrência desse objeto vazio é muito mais frequente ainda; sempre se refere a alguma coisa ou alguém que acaba de se mencionar ou que está no contexto imediato:

(20) Vou pegar [e]

Esse conjunto de fatos permite-nos voltar à afirmação feita no início deste seção e a partir disso encarar o problema teórico da definição da categoria vazia objeto aparecendo nos exemplos acima.

Os fatos apontados mostram que um tópico em PB, como em chinês, pode vincular diretamente uma categoria vazia aparecendo uma sentença em posição objeto. Nas línguas em que isso não ocorre essa categoria vazia é impossível e achamos no seu lugar um pronome, tônico - como no inglês - ou clítico como nas outras línguas românicas. O resultado dessa vinculação direta é uma ligação mais íntima da frase com seu contexto, lingüístico ou não, visível na sua própria realização sintática. Nesse sentido é que se pode falar de língua de tópico ou "orientada para o discurso". É o discurso interferindo diretamente na sintaxe.

No desenvolvimento da teoria gerativista, essa possibilidade só muito recentemente passou a ser susceptível de ser integrada no quadro geral da gramática de frase. Nesse sentido, o trabalho de Huang é pioneiro e fundamental ao dar um estatuto teórico à noção de língua de tópico. Com efeito, desde Chomsky (1977), considera-se que tudo o que envolvia o tópico, apesar de ter consequências a nível da frase, escapava na realidade ao âmbito das regras regendo esta. Marcava-se assim de maneira muito rígida a distinção entre gramática de frase e gramática de discurso. Já vimos que nessa ótica o único caso em que se prevê a possibilidade de uma categoria vazia vinculada por um tópico é o caso das "topicalizadas" (ex. (5b) e (17) acima). Nesse caso, a categoria vazia é considerada como resultado de um movimento para COMP, cf. seção anterior.

No modelo atual (Chomsky 1981; 1982) as perguntas centrais não giram mais em torno da derivação das frases para possibilitar, em seguida, a caracterização de tal ou tal categoria vazia como resultando de um apagamento, de uma geração na base ou de um movimento mas ao contrário se colocam em termos de condições sobre o aparecimento de tal ou tal categoria vazia, a sua distribuição e sua alternância com outros SNs - pronomes ou sintagmas lexicais - dando informações sobre a estrutura das

frases envolvidas. Ou seja, no caso que nos interessa, a noção de tópico não será o ponto de partida para a explicação teórica da nossa categoria vazia, numa tentativa de encaixá-la em determinada estrutura. Antes, tentaremos defini-la "funcionalmente" ou seja verificando a sua posição na frase e as restrições sobre a sua vinculação. Chegaremos assim a uma definição "funcional" a partir da qual teremos condições de reintegrar a noção de tópico na gramática de frase de um certo tipo de língua.

É o que faz Huang. Seguiremos agora sua análise, entrando agora mais explicitamente na teoria de "regência e vinculação" de Chomsky (1981, 1982). Nessa teoria, as categorias vazias são definidas da seguinte maneira:

"Uma categoria vazia é pronominal se e somente se é livre ou localmente vinculada por um elemento com um papel temático independente, e não pronominal se não vinculada tematicamente.

Uma categoria vazia não pronominal é uma anáfora se e somente se é localmente vinculada por uma posição argumental (posição-A) e uma variável se é localmente vinculada por uma posição não argumental (posição \bar{A}). (Chomsky (1981), p. 330, citado em Huang (1983))⁶.

Retomando os nossos exemplos ((11) - (16)), vemos que a diferença entre as categorias vazias sujeito em (11), (13) e (15) e as categorias vazias objeto em (12), (14) e (16) encontram seu princípio de explicação na definição acima, dada a nossa análise dos casos da categoria vazia objeto como remetendo a um tópico. Em (11), (13) e (15) temos uma categoria vazia localmente vinculada por um elemento com papel temático independente, o sujeito da frase matriz, que recebe sua função temática enquanto sujeito do verbo dizer enquanto que a categoria vazia recebe a sua enquanto sujeito dos verbos ver (11) e gostar (13) e (15).

É importante ressaltar aqui - veremos mais abaixo como é determinante - a restrição sintática de c-comando sobre a vinculação. Ou seja, só há vinculação, nos termos da citação de Chomsky acima, se as categorias vazias e o seu antecedente estão numa relação estrutural que, para os nossos propósitos será suficiente definir assim:

"A c-comanda B se a primeira categoria ramificante (branching) que domina A domina B".⁷

Voltando ao caso da categoria vazia objeto, vemos que ela não pode ser localmente vinculada por um antecedente situado na sentença. Portanto, não é pronominal, pela definição a) nem anáfora, pela definição b) que se refere aos vestígios de SN que apesar de serem obrigatoriamente vinculados na sentença mínima em que aparecem o são por uma posição que não recebe função temática independente. Ou seja, o movimento sempre se faz para uma posição que não recebe função temática apesar de ser uma posição argumental (posição-A) que pode, dependendo do verbo, receber uma função temática. É tipicamente o caso da posição sujeito à qual nem todos os verbos atribuem uma

função temática (por exemplo, os verbos de alçamento como "parecer").

Pelas definições a) e b) das categorias vazias, a nossa c.v. objeto, são pode ser, portanto variável. O que corresponde também a definição da variável dada por Chomsky (82 p. 34)

"Uma categoria vazia é uma variável se está numa posição argumental ("posição-A") e é localmente vinculada por uma posição não argumental (posição- \bar{A}).

Ora, a nossa categoria vazia objeto está numa posição argumental como objeto de verbos ver e conhecer. E podemos admitir que a posição- \bar{A} que a vincula é o tópico, que está fora da sentença e é por definição uma posição não argumental. O que temos assim é um outro tipo de variável que chamaremos de variável de discurso, por oposição às variáveis de frase que observamos nos casos padrões de "topicalizadas" em português de Portugal e inglês.

Essa distinção variável/pronome é importante pois ela permite relacionar os fenômenos de objeto vazio com os de relativização. E isso nos remete à observação do início deste texto. Nas línguas a que fizemos referência acima, uma variável são pode aparecer em estruturas relativizadas, o elemento na posição \bar{A} sendo o relativo no complementizador e a variável sendo tradicionalmente analisada como resultado do movimento do relativo, ou seja, como vestígio de elemento relativizado. Quando aparece um tópico como no caso das "topicalizadas" vimos que Chomsky (1977) propõe uma análise análoga. Ou seja, nessa fase da teoria e para essas línguas, a noção de "variável" está intimamente ligada à noção de movimento para a posição "COMP". A definição funcional das categorias vazias e a noção de tópico nos permite definir para o PB, como para o chinês, uma variável independente de uma regra de movimento.

Antes de ir mais adiante na observação de outros fatos, queria notar que uma análise em termos de apagamento de pronome, tal como é proposta em Wheeler (1981) não dá conta da diferença de interpretação do pronome lexical e da categoria vazia que constatamos entre (15) e (16). Por que o apagamento bloquearia a possibilidade de correferência entre o pronome e Maria? Esse problema é ainda mais difícil de resolver numa teoria em que os apagamentos se dão na parte fonológica da gramática e portanto não influem na interpretação semântica⁸. Teremos contudo de dar conta de um fato importante notado por Wheeler e que mencionamos no início deste trabalho, a saber a correlação entre a possibilidade do objeto vazio e do pronome pleno em posição objeto. Por outro lado, teremos que enfrentar um problema teórico que não aparece na análise dela: a razão da diferença constatada entre a posição sujeito e objeto quanto à definição da categoria vazia. Essas duas questões serão colocadas nas próximas seções.

Mas voltaremos primeiro a outros fenômenos do PB envolvendo a categoria vazia objeto que definimos como uma variável. Observem-se as frases seguintes, que foram retiradas de trechos documentados ([e] representa a categoria vazia):

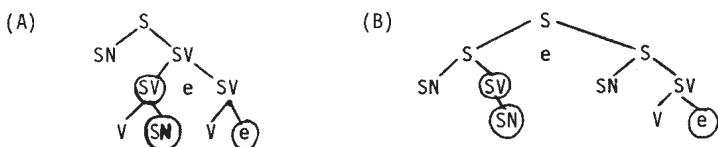
- (21) Outro aspecto são as fibras inseridas nas cédulas verdadeiras e as falsas não têm [e] (noticiário de televisão)
- (22) Eles fabricaram camisetas e venderam [e] no Brasil inteiro (conversa)
- (23) No tempo de calor, a gente colhe as maçãs e guarda [e] no porão para comer no inverno (livro infantil)
- (24) Quem ainda não tem seu adesivo, venha buscar [e] (propaganda de rádio).

Note-se que em todos esses exemplos, a categoria vazia ē entendida co mo co-referente de um SN aparecendo no início da frase. Isso leva-nos a fazer duas ob servações. A primeira ē que, ā primeira vista, esses exemplos constituem um contra exemplo do que afirmamos acima, já que a c.v. ē vinculada por uma posição argumental. A segunda ē que as frases (21), (22), (23), em que se verifica uma coordenação, são muito parecidas com relativas:

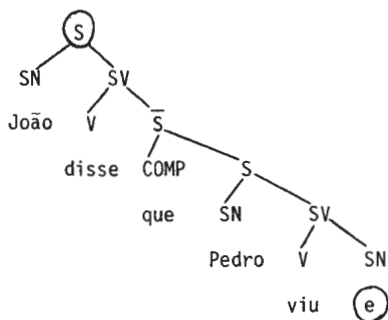
- (25) Outro aspecto são as fibras inseridas nas cédulas verdadeiras, que as fal sas não têm [e]
- (26) Eles fabricaram camisetas, que venderam [e] no Brasil inteiro.
- (27) No tempo do calor, a gente colhe as maçãs, que guarda [e] no porão para co mer no inverno.

Contudo, o tipo de relativa mais próxima seria a relativa apositiva, com grau de subordinação relativamente frrouxo que marca sobretudo uma relação de tópi co/comentário. Essa mesma relação verifica-se em (24). Voltamos então a essa constata ção: os SNs sublinhados em (21) - (24) comportam-se como tópicos vinculando uma variã vel, como ē o caso das relativas em que as "cabeças", por intermédio do complementiza dor vinculam a variável. Sō que no caso de (21) - (24), como já constatamos mais aci ma, a mediação do complementizador não se dá e a vinculação tópico/variável ē direta.

Temos que voltar agora ao aparente problema teórico que mencionamos acima: o caráter argumental dos antecedentes. Mas a chave desse problema estā na defi nição da noção de vinculação que vai nos permitir definir melhor as condições em que se dá a relação tópico/variável quando o primeiro estā no contexto lingüístico imedia to. Como vimos, a noção de vinculação envolve a de c-comando. Ou seja, um elemento vincula argumentalmente ("A-binds") ("vincula-(A)") uma categoria vazia quando c-co manda esta. Ora, podemos pensar que nas frases (21) - (24) não hā c-comando. No caso das coordenadas, que a coordenação se dá a nível de SV ou de S⁹ (não entraremos no de talhe deste tipo de estrutura), teremos as seguintes estruturas:



Em nenhuma dessas árvores o SN grifado c-comanda a variável $j\bar{a}$ que a primeira categoria ramificante que domina SN, o SV grifado, não domina $[e]$. Essas estruturas devem ser comparadas com as que são subjacentes aos exemplos (11) - (16) em que os SNs lexicais c-comandam a variável. A estrutura do exemplo (12) por exemplo será:



Nesta estrutura, a primeira categoria ramificante que domina (SN) , (S) , domina a variável, ou seja (SN) c-comanda a variável. Nesse caso, há uma possível relação de vinculação entre (SN) e $[e]$ mas só pode ser uma relação de "vinculação-(A)" já que (SN) está em posição argumental e portanto não pode ser uma relação de tópico-variável que envolve uma "vinculação-(\bar{A})".

Mas resta dar conta dentro do nosso quadro teórico do tipo de vinculação que se dá em (A) e (B) ou seja nos exemplos (21), (24) que não são previstos pela teoria que simplesmente só pode dizer a respeito deles que não há vinculação, já que não há c-comando. Ora, o que verificamos é que a vinculação que se dá efetivamente entre o SN interpretado como o tópico e a variável é possibilitada pela ausência de c-comando. Esse fenômeno é típico do PB, como todos os outros que foram analisados mais acima e podemos pensar que se relaciona mais uma vez com o fato desta língua ser "língua de tópico". Consideraremos que é esta particularidade do funcionamento da língua que é subjacente à seguinte regra que teremos que acrescentar aos princípios gerais de vinculação propostos por Chomsky, para dar conta dos exemplos (21) - (24):

- (28) "Uma posição argumental X pode vincular $-(\bar{A})$ uma outra posição argumental Y numa frase se X não c-comanda Y".

Com isso formalizamos a idéia que numa língua de tópico, a organização da frase em tópico comentário tem incidências diretas a nível da gramática de sentença. Isso nos dá por outro lado um critério interessante de análise de frases complexas em termos da sua organização em constituintes: sempre que constatarmos a possibilidade de uma relação tópico/variável no interior de uma frase complexa, teremos uma razão forte de pensar que a estrutura é tal que não há c-comando entre o SN e a variável que vincula. Ora, de maneira particularmente interessante para uma discussão que

vem sendo levada no círculo chomskiano, essa relação tópico variável aparece também num tipo de frases muito semelhante às que permitem as "parasitic gaps" ou "vazios parasíticos":¹⁰

- (29) Nunca comprei livro sem ler e antes.
- (30) Vou experimentar esse cavalo antes de comprar e
- (31) Que livro você comprou [e] sem ler [e]
- (32) Eis o cavalo que experimentei [e] antes de comprar [e]

(31) e (32) mostram que o fenômeno conhecido como "vazio parasítico" existe também em PB. O que diferencia essa língua das estudadas na literatura sobre o assunto é o fato do vazio em questão poder aparecer sozinho, sem ser o parasita de nenhuma variável normalmente vinculada por um operador em COMP, como verificamos em (29) e (30) que relacionamos com as frases (21) - (24). Ora, na análise que Chomsky faz dos "vazios parasíticos", a ausência de relação de c-comando entre as duas categorias vazias é fundamental. As orações introduzidas por sem e antes não devem portanto estar no domínio de c-comando do verbo cujo complemento é a primeira categoria vazia no caso dos "vazios parasíticos" (ex. (31) ou (32) ou o que consideramos como tópico em (29) e (30). Como nota Chomsky (1982, p. 46) a estrutura exata dessas frases envolve considerações sobre a formulação exata da noção de c-comando, que usamos aqui até agora na sua forma mais simples. Não entrarei mais em detalhe nesse assunto aqui, remeto o leitor interessado à discussão de Chomsky (op. citad p. 46 e 47). O que é importante para os propósitos desse trabalho é a convergência das análises sobre os "vazios parasíticos" e o que propusemos acima, no que diz respeito à condição de "não c-comando", já que encontramos nessa convergência uma justificação ao caso de estruturas que não são, a priori, tão fáceis de definir.

Voltaremos mais abaixo a um outro aspecto do problema dos "vazios parasíticos" em correlação com o problema que nos interessa aqui: a diferença entre as categorias vazias pronominais e as variáveis.

Por outro lado, o caso dos vazios parasíticos nos permite refletir mais uma vez sobre a diferença do PB com outras línguas. Podemos pensar que as que só admitem frases como (31) e (32) mas não (29) e (30) precisam marcar sintaticamente o tópico antes de relacioná-lo com uma variável. Essa marcação faz-se através um processo envolvendo movimento criando uma variável vinculada por um complementizador. São então que uma segunda variável pode aparecer. Não seria assim a primeira variável que permite a segunda mas um processo sintático de marcação de tópico do qual a primeira variável é resultado. Em PB, e possivelmente em outras línguas de tópico essa ligação faz-se diretamente mas não deixa de obedecer a restrições sintáticas como a condição de "não c-comando".

II.2. A assimetria sujeito/objeto

Voltaremos agora a posição sujeito e tentaremos dar contas da assimetria

tria constatada nos exemplos (11) - (16) entre as posições sujeito e objeto no que diz respeito à interpretação da categoria vazia. Com efeito, vimos que, contrariamente ao que ocorre em posição objeto, uma categoria vazia sujeito pode ser interpretada como tendo como antecedente um SN em posição argumental nas estruturas do tipo exemplificado em (11) - (16). Concluímos acima que pela definição funcional das categorias vazias proposta por Chomsky (1981, 1982), se trata de uma categoria vazia pronominal já que "é livre ou localmente vinculada por um elemento com um papel temático independente". Note-se que neste caso, como ressaltamos na seção anterior, há c-comando entre o SN antecedente e a categoria vazia, o que corresponde à noção de vinculação tal como Chomsky a define.

Temos de fato duas perguntas para resolver:

1. Qual é a razão da assimetria sujeito/objeto que constatamos?

2. Dada a possibilidade de um pronome ser ou livre ou vinculado, como explicar a interpretação preferencial em PB de uma categoria vazia sujeito numa estrutura do tipo de (11) como vinculado por um antecedente (ou seja co-referente de um antecedente na frase). Isso por outro lado nos coloca o problema do uso do pronome lexical já que na mesma estrutura ele será preferencialmente utilizado para remeter a alguém ou alguma coisa cuja referência está no discurso. Enfim, ligaremos esta última observação à que fizemos em I.2. sobre o uso preferencial do pronome ele nas frases simples.

Partiremos mais uma vez da análise de Huang (1983) para a qual, num segundo tempo proporemos uma modificação, dado as peculiaridades do PB.

O ponto de partida do raciocínio de Huang é a idéia de que o que qualifica, em certas línguas, a categoria vazia sujeito como pronominal é a presença nas línguas de um elemento de concordância, ou seja "AGR" ("agreement") (op. citada p. 26). Por outro lado, ele dá conta da impossibilidade de uma categoria vazia pronominal aparecer em posição objeto - em qualquer língua - pela conjunção de duas regras da gramática universal:

- a regra de "referência disjunta": ("DJR")
"Um pronome deve ser livre na sua categoria de regência".
- a regra de "controle generalizado": ("GCR")
"Coindexar um pronominal vazio com o elemento nominal c-comandando mais próximo ("closest c-commanding nominal element")".

A primeira regra é de fato a regra B dos princípios de vinculação de Chomsky (1981) que proíbe de ter um problema sem antecedente na categoria S ou SN (frase ou sintagma nominal complexo) que domina mais imediatamente o seu regente. Essa regra dá conta da impossibilidade da coreferência entre João e ele ou o em (33) e (34) por oposição a (35)¹¹.

- (33) *João_i viu ele_i
 (34) *João_i o_i viu
 (35) João_i disse que Pedro_i viu ele_i

Segundo Huang, a segunda regra é "basicamente a regra de controle de Chomsky (1980), estendida aqui para cobrir PRO e pro". A regra de controle de Chomsky (1980) estipula as condições de atribuição de um índice referencial ao elemento anafórico sujeito de infinitivas, PRO. Huang estende essa regra para a pro, o pronominal vazio que aparece em posição de sujeito de frases com tempo.¹² Por outro lado, ele considera que os antecedentes potenciais mais próximos podem ser ou SN ou AGR e acrescenta:

"Definiremos "mais próximo" da seguinte maneira: A é mais próximo de B se A e B ocorrem na mesma cláusula. São menos próximos um do outro se ocorrem em cláusulas imediatamente adjacentes. São ainda menos próximos se separados por mais de um limite de cláusulas, etc..." (op. citada, p. 28).

É fácil ver como a conjunção dessas duas regras impede uma categoria vazia pronominal em posição objeto: o elemento nominal c-comando mais próximo de um SN em posição objeto é o SN em posição sujeito, ora a regra de referência disjunta proíbe a coindexação de um SN objeto com o SN sujeito da mesma sentença. A regra de controle generalizado é assim bloqueada no caso da categoria vazia objeto, esta não podendo ser pronominal.

Voltando ao caso da categoria vazia em posição sujeito consideraremos a distinção que Huang faz entre três tipos de línguas representadas pelo chinês, o italiano e o inglês. O chinês distingue-se das duas outras pela ausência do fenômeno de concordância. Por outro lado o inglês e o italiano diferem pela possibilidade do segundo mas não do primeiro ter sujeito não lexical. De maneira muito interessante, constatamos que o PB não se encaixa totalmente em nenhum desses três tipos mas apresenta características dos três ou seja:

- Nas frases simples, mostra uma forte tendência em usar o pronome lexical em posição sujeito (como o inglês).

- Nas frases complexas, o sujeito pode ser vazio como em italiano ou em chinês, havendo então uma tendência à interpretação de correferência com um SN anterior na frase (cf. ex. (11), (13), (15)).

- Como em italiano, mas contrariamente ao chinês, uma categoria vazia sujeito não pode ser interpretada como variável vinculada por um tópico, apesar dessa possibilidade existir em posição objeto, o que não acontece em italiano. Comparem-se os seguintes exemplos:

- (36) O João, este livro, ele gostou muito [e]
 (37) Este livro, o João, ele gostou muito [e]
 (38) *O João, este livro, [e] gostou muito [e]
 (39) *Este livro, o João, [e] gostou muito [e]

Ou seja, contrariamente ao que verificamos para o objeto, uma categoria vazia sujeito parece não recuperar o tópico, aparecendo então o pronome lexical. Essa observação deve ser ligada à que fizemos acima no que diz respeito às frases simples.

A análise de Huang para os três tipos de línguas é a seguinte:

Em chinês, não havendo concordância, uma categoria vazia sujeito não é obrigatoriamente pronominal. Ela pode ser variável, ou seja, vinculada por um tópico. Mas ela pode ser também pronominal no caso de haver um SN c-comandando na sentença superior - como acontece em português nos exemplos (11), (13), (15).

Em italiano, há concordância e o SN mais próximo é AGR, a marca de concordância. A categoria vazia sujeito é portanto sempre pronominal tendo sempre como antecedente AGR.

Em inglês, segundo Huang, há também concordância, o que caracteriza uma categoria vazia sujeito como pronominal mas o elemento nominal mais próximo - "AGR" - não é suficientemente "rico" para servir de antecedente. Não é portanto possível aparecer um sujeito vazio nessa língua.

Se admitirmos essa análise, chegamos a uma contradição no que diz respeito aos fatos observados em PB. Com efeito ela prevê que uma língua tendo concordância, ou bem aceita sempre uma categoria vazia pronominal em posição sujeito, como em italiano, o antecedente sendo sempre AGR, o "elemento nominal mais próximo" ou nunca aceita um sujeito vazio como em inglês, AGR não sendo um antecedente possível. Ora, temos uma língua em que a categoria vazia pronominal aparece em certas estruturas, mas não em outras, como em chinês, língua sem concordância, mas, por outro lado, parece não admitir uma variável vinculada por um tópico em posição sujeito - apesar de admiti-lo em posição objeto - o que nos leva a pensar que uma categoria vazia sujeito em português é sempre pronominal e que portanto é um efeito da presença de AGR. Aliás, há outras evidências de que o PB é uma língua em que há concordância (que aparece claramente, por exemplo, na 1a. e 2a. pessoa). A pergunta é então a seguinte: trata-se de uma concordância forte ou fraca? Segundo a análise de Huang, é as duas coisas: fraca nas frases simples e forte nas encaixadas do tipo de ((11), (13), (15)). Mas esse paradoxo se resolve quando verificamos que neste segundo caso, o antecedente não parece ser AGR mas antes um SN na frase matriz: constatamos com efeito na seção anterior que a interpretação de (11), (13), (15) envolvia co-referência de [e] e João e não uma interpretação livre de [e], o que seria o caso se AGR fosse seu antecedente. Isso nos leva a propôr uma modificação da análise de Huang que permita encaixar os três casos

que ele considera mais o que nos preocupa: o do PB.

Consideraremos que a presença do elemento de concordância AGR é na realidade uma característica fundamental das línguas "sentence oriented" - o que é a mesma coisa que dizer, como fizeram vários lingüistas gerativistas, nestes últimos tempos, em termos mais teóricos, que AGR é a "cabeça" de S. O que explicaria a sua ausência em chinês. Nesse sentido, podemos considerar o PB como uma língua mista, com características de língua de tópico, ou "discourse oriented" e características de língua "sentence oriented", em particular a presença da concordância. Isso explica a assimetria sujeito/objeto que verificamos e que é mais radical que em chinês: nesta língua, segundo Huang, o objeto vazio nunca é pronominal mas o sujeito vazio pode sê-lo. Em português o objeto vazio nunca é pronominal e o sujeito vazio sempre o é.

Podemos pensar então que a presença da concordância bloqueia a vinculação do sujeito vazio por um tópico. Mas isso não equivale a dizer como faz Huang que, nesse caso, AGR é o único antecedente potencial da categoria vazia sujeito. Acrescentaremos um passo ao raciocínio dele: dado a presença de AGR, este pode ser pronominal ou não. Quando não é pronominal, como em inglês, uma categoria vazia nunca é possível em posição sujeito, não havendo controle local dessa categoria vazia sujeito. Quando é pronominal, a categoria vazia é possível. O que acontece então em PB? Retomaremos a idéia de uma certa "fraqueza" de AGR na 3a. pessoa, mesmo pronominal ou seja: ele é capaz de controlar localmente a c.v. mas ele mesmo tem que ser controlado por um SN c-comandando para adquirir uma referência.¹³ Na ausência desse SN, preferir-se-á o uso do pronome lexical ele.

Temos agora elementos de explicação para a correlação observada diacronicamente na passagem do período III ao período IV analisados por Tarallo e sincronicamente na comparação do PB com o português de Portugal, ou seja, a maior frequência do pronome ele em posição de sujeito e da categoria vazia em posição de objeto: a evolução do PB para língua de tópico que podemos relacionar com o enfraquecimento de AGR, em particular na 3a. pessoa. O enfraquecimento de AGR é um fenômeno comum na história das línguas que reforçam então o sistema pronominal independente do verbo.¹⁴ No caso do PB, contrariamente ao do francês por exemplo, esse enfraquecimento não é total e está intimamente ligado à reorganização parcial do sistema da língua, o que explica que apesar do pronome de 3a. pessoa ser muito mais freqüente, ainda permanece a possibilidade de sujeito vazio, seja quando há controle por um SN anterior, seja quando a referência é indeterminada.¹⁵ Isso explica também a ligação do próprio pronome de 3a. pessoa com a noção de tópico. É o que gostaríamos de aprofundar agora.

II.3. O emprego do pronome ele em PB e o caso do pronome lembrete

Podemos agora formular melhor duas particularidades do emprego do pronome ele em PB que mencionamos acima: o seu uso em posição objeto direto nas frases simples e o seu uso freqüente em estruturas relativas, sobretudo em posição sujeito, às vezes em posição objeto. Estes empregos, ou são totalmente inaceitáveis ou muito

mais marginais em línguas próximas como o português de Portugal e o francês.

O que se constata de fato é o seguinte: em PB, o pronome lexical de 3a. pessoa pode (sempre?) aparecer no lugar de uma variável seja vinculada por um tópico - é o caso do objeto que analisamos acima - seja criada por um movimento de elemento relativizado, ou seja, tanto pode aparecer no lugar de uma variável de frase quanto de uma variável de discurso.

Encontramos, por outro lado, uma simetria com o que verificamos a respeito da variável objeto estudada na seção anterior: o SN que vincula o pronome pode estar presente ou ausente na mesma frase. No caso do objeto ele pode estar presente em posição de tópico, é o caso clássico da "deslocada":

(40) João, vi ele ontem.

Mas, mais frequentemente se encontrará numa fala ou numa frase anterior.

(41) - Você tem visto o João?
- Encontrei ele ontem.

No caso das relativas, pelo contrário o SN está sempre presente no contexto imediato, no domínio abrangido pelas regras da sintaxe:

(42) Aí esse rapaz aí que eu conheci ele, ele estava lá na festa também. (exemplo dado por Tarallo (1983), p.163).

Este exemplo é particularmente notável pois mostra dois empregos do pronome ele particularmente frequentes em PB. Além do "lembrete" objeto de conheci, encontramos em posição sujeito de estava lá um pronome retomando esse rapaz aí. Aqui, a retomada pronominal pode ser considerada como necessária por causa da interrupção causada pela relativa mas essa retomada é muito frequente mesmo quando nada separa o pronome e o SN lexical (cf. Pontes (1981) e Galves (1983)).

O exemplo (42) tem uma outra característica interessante, intimamente ligada à primeira, é a dupla função, aparentemente, do SN lexical na frase: ele funciona ao mesmo tempo como tópico - retomado pelo ele sujeito - e como cabeça de relativa - vinculando o ele objeto.

Frente a esses dados, surgem duas perguntas: a primeira já foi colocada, trata-se de saber qual é a incidência da escolha do pronome ou da variável na interpretação semântica. A segunda levanta a questão da análise teórica dos casos envolvendo o pronome e a sua articulação com o que vimos desenvolvendo até agora. O que temos que explicar, nomeadamente é como se dá a vinculação do pronome. Começaremos por esta questão que nos permitirá abordar a primeira com mais elementos de análise.

Dissemos acima que um pronome de 3a. pessoa, em PB, podia aparecer no lugar de uma variável ou seja numa posição vinculada-(A). Os princípios de vinculação propostos por Chomsky (1981) não têm nada a dizer sobre isso já que só estipulam que

um pronome é livre na sua categoria de regência - ou seja a sentença ou o sintagma nominal complexo que o contém minimamente. A possibilidade de um pronome ser vinculado por uma posição-(A) - não argumental - é considerado em Chomsky (1977) como vimos acima e também, no quadro teórico atual em Chomsky (1982):

"Os pronomes podem servir de variáveis por que não precisam ter referência independente" (op. citado, p. 12); "Podemos interpretar as construções relativas com pronome lembrete ("resumptive") como envolvendo uma operação de predicação, a cláusula relativa sendo considerada como uma sentença aberta predicando a cabeça ("open sentence predicated of the head")" (opus citado, p. 13).

Essa regra de predicação já tinha sido proposta por Chomsky (1977) mas - como mencionamos acima - como uma regra de discurso. Em Chomsky (1983) a mesma regra parece adquirir um estatuto mais sintático abrangendo não só o caso das relativas com pronome lembrete mas todo tipo de relativa. Com efeito, o texto que citamos acima continua assim:

"Suponhamos, além disso, que se trata de uma propriedade geral da interpretação de uma cláusula relativa, seja qual for a estrutura interna da cláusula relativa" (op. citado, p. 13; os grifos são meus).

Numa nota, Chomsky explicita melhor a operação de predicação, que se aplica à representação da cláusula relativa em forma lógica para identificar os índices da cabeça de um lado e do elemento relativo e seu vestígio do outro:

"Por exemplo, suponhamos que a representação em forma lógica de (8a) é (i):

(i) [The man]_i [who_j John saw t_j]

A regra de predicação, se aplicado à representação em forma lógica (i), identifica i e j, dando a representação:

(ii) [The man]_i [who_i John saw t_i]. (op. citado p. 92, 93)

Vê-se portanto que a regra de predicação é integrada à gramática de frase.

Resta explicar porquê certas línguas admitem que a predicação se faça com um pronome e outras não. O que verificamos na estrutura relativa clássica, representada no exemplo (ii) de Chomsky acima é que a vinculação entre a categoria vazia t em posição argumental (enquanto objeto de saw) e a cabeça da relativa the man é mediatizada pelo elemento relativo em COMP, ou seja, é a regra de movimento. (ou alguma outra representação da relação de who com t) que permite essa vinculação. Esta não pode ser imediata. No caso das relativas com pronome a vinculação é imediata. Já fizemos essa

observação a respeito da vinculação das categorias vazias vinculadas por um tópico em PB, cf. seção II.1. ex. (21) a (24) e (29), (30). E consideramos que isso era uma característica das línguas de tópico. No caso do uso do pronome lembrete, há um outro aspecto a ser analisado: como foi notado por Tarallo (83) a presença do pronome faz com que a relativa se assemelhe a uma frase simples completa, o que implica um efeito menor de subordinação do que numa relativa padrão. De fato, a interpretação da estrutura relativa com lembrete é mais de comentário sobre a cabeça da relativa do que de determinação. Encontramos evidências nesse sentido nos trabalhos de Tarallo (1983) e Mollica (1981). Nesta autora encontramos um dado muito interessante para essa discussão: nos seus dados, não há variação, ou seja só se encontra a relativa "padrão", sem pronome lembrete, nas relativas em que o verbo é empregado no subjuntivo:

- (43) Quero um homem que tenha muita coisa
- (44) Uma pessoa que tenha menos do que eu não serve
- (45) Não tem ninguém que possa impedi de você se adverti
(op. citado p. 36 ex. (63), (64), (65))¹⁶

Nessas frases, a cláusula relativa determina o sintagma nominal cabeça, esse processo de determinação sendo realçado pelo uso do subjuntivo. Aqui, a interpretação é: "Um homem tal que..."; "ninguém tal que..." etc... ou seja a representação que se atribui geralmente às relativas em forma lógica (ver por exemplo Chomsky (1977)).

Esse dado tende a mostrar que o uso do pronome lembrete não se estende a todo tipo de relativas, ou em outros termos que o pronome apesar de poder aparecer, em certos casos, no lugar de uma variável de frase, não recebe exatamente a mesma interpretação que essa variável. É o que constatam Chao e Sells (no prelo) a partir de dados do inglês que, segundo eles, se verificam também em PB. Eles mostram que "um pronome lembrete não pode aparecer em construções em que a leitura de variável vinculada (bound variable) é requerida para essa posição". Essa interpretação é tipicamente a que verificamos nos exemplos de Mollica com a representação acima. Assim um pronome lembrete nunca aparecerá para retomar um SN contendo um quantificador cada, ne nhum, todo, etc., cuja interpretação envolve a noção de variável vinculada. Com Mollica (e Sells e Chao - apesar desses autores não se referirem diretamente a esse tipo de exemplos), prevemos portanto a agramaticalidade dessas frases se aparecer um pronome lembrete no lugar da variável.

Qual é então a interpretação do pronome lembrete? Chao e Sells mostram que em inglês, e segundo eles, também em português do Brasil, um pronome lembrete só pode aparecer quando é possível uma interpretação individual. Ou seja na frase seguinte proposta por eles:

- (46) Which woman does no englishman even wonder wether she will make a good wife?

a única resposta possível é a que envolve o nome ou a caracterização de um indivíduo

efetivamente existindo, excluindo uma resposta que chamam de "relacional" do tipo

(47) -The one his mother likes best.

Esse mesmo fato é ilustrado pela agramaticalidade de (48) que força a leitura relacional:

(48) *Which type of woman does no englishman even wonder if she will make a good wife?

Parece que podemos transpor esses dados em português, encontrando a mesma restrição sobre o uso do pronome lembrete:

(49) Que mulher nenhum homem brasileiro nem se pergunta se ela/[e] podia ser uma boa esposa?

(50) Que tipo de mulher nenhum homem brasileiro nem se pergunta se *ela/[e] po dia ser uma boa esposa?

Ou seja, o pronome lexical, usado como lembrete, mantém a função que ele tem no seu uso discursivo mais habitual: a de referir a indivíduos.¹⁷ Assim um pronome lembrete poderá aparecer sempre que essa interpretação for possível e será barrado no caso con

Uma vez que determinamos melhor a interpretação do pronome lembrete, te mos mais elementos para entender porque seu uso é mais freqüente em PB do que em ou tras línguas, dado as características dessa língua que delineamos acima. Ou seja te mos elementos para articular a distribuição dos pronomes e das categorias vazias ao sistema geral da língua.

Vimos que tínhamos argumentos para considerar o PB, em parte, como uma língua "de tópico" ou "orientada para o discurso" em que o elemento mais proeminente, ou seja em torno do qual se organiza a frase, é o tópico. O que verificamos em (42) , por exemplo, é que esse rapaz aí funciona essencialmente como tópico discursivo. Essa interpretação é reforçada por esse...aí que implica que já se mencionou o rapaz em questão e o uso de ele em posição objeto, muito mais raro do que em posição sujeito . Já explicamos essa menor freqüência: em posição objeto, podemos ter em PB uma variã vel de discurso, ou seja, a vinculação direta pelo tópico é possível nessa posição. Mas nas relativas, a variável de discurso e a variável de frase em posição objeto se confundem. Podemos então pensar que o uso do pronome lexical tem como função realçar a vinculação pelo tópico, não deixando nenhuma ambigüidade sobre a função do SN lexi cal na frase.

Mostramos assim a integração do uso do pronome lexical em PB no siste ma da língua. Isso explica as diferenças que constatamos nesse uso em relação a ou tras línguas românicas inclusive o português de Portugal. Podemos agora formular assim

essa diferença: em PB, língua de tópico, um pronome lexical pode ser diretamente vinculado por uma posição- \bar{A} (o tópico). Lembremos que a teoria prevê que um pronome ou é livre ou tem seu antecedente em posição argumental. Em PB, encontramos uma diferença entre categoria vazia pronominal, que corresponde a essa previsão, como vimos acima, e pronome lexical. Podemos entender essa diferença de comportamento: vimos que a categoria vazia pronominal se encontra unicamente em posição sujeito e que sua existência está ligada à concordância, fenômeno de frase permanecendo em PB. Os pronomes lexicais por sua vez existem na língua independentemente da concordância e não têm compromisso com a gramática de frase. Por outro lado, a noção de "liberdade" que faz referência a vinculação do pronome pelo contexto - sobre a qual a gramática de frase não tem nada a dizer - tem que ser forçosamente reconsiderada numa língua de tópico. Não é de estranhar que o pronome lexical seja atraído pelo tópico como elemento mais proeminente do discurso.¹⁸

Por outro lado, temos elementos de explicação para o caso do uso do pronome lexical em posição objeto. Nas línguas românicas essa posição parece ser avessa à vinculação por uma posição argumental, donde o uso dos clíticos, que a partir de uma posição não argumental vinculam a posição objeto vazia.¹⁹ A possibilidade do pronome lexical ser vinculado pelo tópico, ou seja por uma posição- \bar{A} explica que possa aparecer em posição objeto. Ligamos assim o uso da categoria vazia e do pronome lexical em posição objeto (cf. a discussão da análise de Wheeler (81) acima).

Resta-nos voltar à questão da vinculação do pronome, ou seja da regra responsável por essa vinculação. Podemos considerar que se trata da regra de predicação de Chomsky (1977, 1982) mas com uma abrangência bem maior do que a prevista por esse autor. A ligação dessa regra com a característica do PB como língua de tópico explica essa abrangência frente à marginalidade encontrada em línguas em que a proeminência do tópico é também mais marginal. Ora mostramos que em PB os fatos ligados a essa proeminência são suficientemente importantes para se considerar que se trata de um fenômeno central na língua.

Williams (1980) considera que o efeito da regra de predicação à qual atribui uma abrangência bem maior que Chomsky (1977), (1982) não é a coindexação de um SN lexical com um pronome ou algum outro elemento mas a coindexação de um SN com um predicado que pode ser de vários tipos. Ele distingue predicados simples (SN, SA, SP, SV), que não consideraremos aqui, e os predicados complexos, S e \bar{S} :

"definiremos S e \bar{S} como possíveis predicados complexos. Suponhamos que definimos (29)

(29) [PRO SV]_S

como um predicado complexo, com PRO como "variável de predicado", isso é, a posição aberta em S que o torna predicado (com uma posição) ("Which makes it a (one-place) predicate"). Da mesma maneira, podemos definir.

$$(30) \left[\left\{ \begin{array}{c} \text{PRO} \\ \text{WH} \end{array} \right\} S \right]_{\bar{S}}$$

como um predicado complexo, com PRO ou WH como variáveis de predicado". (op. citado, p. 209).

Por outro lado, reencontramos, na formulação que Williams propõe da regra de predicação, a noção de c-comando desempenhando um papel fundamental.

"Condição de c-comando sobre a predicação:

Se SN e X estão coindexados, SN deve c-comandar X ou uma variável vinculada por X" (op citado, p. 206)

A regra de predicação, por sua vez, é simplesmente formulada assim:

"Coindexar SN e X" (id.)

Dado essas definições, a regra de predicação vai aplicar-se para coindexar SN e S ou SN e \bar{S} num contexto em que SN c-comanda S ou \bar{S} . Esses por sua vez contém o que Williams chama "variável de predicado" que, por definição, devem ser anafóricas do SN lexical.

Note-se que esta análise está implícita na de Chomsky (1982) que citamos acima a respeito das relativas, mas não prevê o caso da relativização com pronomes lembrete já que a presença do elemento relativo desempenhada em (30) (numeração de Williams) um papel essencial. De fato, em PB, além dos casos de predicação previstos por Williams, encontramos outros, cujo contexto também é S e \bar{S} mas que diferem em relação ao que Williams chama de "variável de predicado". Em PB, essa variável pode ser de dois tipos além do que prevê a análise de Williams: o pronome lexical e a variável de discurso. Mas, fora essa distinção, a análise de Williams aplica-se aos fenômenos do PB que analisamos até agora - menos os em que a relação tópico-comentário se dá entre duas sentenças, aos quais voltaremos - em particular no que diz respeito à condição de c-comando. Podemos assim considerar que essa regra dá conta de exemplos como:

(51) $\left[\begin{array}{c} \text{João} \\ \text{SN} \end{array} \right] \left[\begin{array}{c} \text{ele saiu ontem} \\ S \end{array} \right]$

(52) $\left[\begin{array}{c} \text{Sapato} \\ \text{SN} \end{array} \right] \left[\begin{array}{c} \text{não amarra [e] assim} \\ S \end{array} \right]$

(53) Conheço $\left[\begin{array}{c} \text{um sujeito} \\ \text{SN} \end{array} \right] \left[\begin{array}{c} \text{que ele vai todos os dias ao cinema} \\ S \end{array} \right]$

(54) Aí $\left[\begin{array}{c} \text{esse rapaz} \\ \text{SN} \end{array} \right] \left[\begin{array}{c} \text{que eu conheci ele} \\ S \end{array} \right] \left[\begin{array}{c} \text{ele estava lá na festa também} \\ S \end{array} \right]$

(exemplo de Tarallo (83), cf. o nosso (42)).

Em (51) e (52), os SNs João e sapato c-comandam um S no qual há uma posição obrigatoriamente coreferente preenchida seja por um pronome seja por uma categoria vazia. Dizer que esses SNs estão fora de S equivale a dizer que estão numa posição não argumental e reconhecemos de fato o que consideramos como sendo o tópico das frases em questão. A análise de Williams nos dá assim um caminho para a explicitação das regras frasais em PB, que podemos escrever assim:

(55) S' → SN S

(56) S → SN SV

Ou seja, há em PB, língua de tópico, um nível a mais na derivação das frases, que cria uma estrutura em que um SN é "irmã" de S e portanto o c-comanda. Esse SN é interpretado como o tópico da frase, sobre o qual incide o predicado, o S inteiro. A obrigatoriedade de haver em S uma posição argumental coreferente com o tópico decorre da análise de Williams estendida ao caso de uma língua de tópico e da teoria das funções temáticas desenvolvidas por Chomsky: um SN lexical tem que receber uma - e uma s̄ - função temática.²⁰ Sendo gerado numa posição não argumental, que portanto não recebe função temática, o SN tópico tem que ser vinculado a uma posição argumental. É o efeito da regra de predicação.

Entendemos assim porquê temos em PB "variáveis de predicado" que se distinguem das previstas por Williams pelo fato de aparecer em posições temáticas - ao contrário de PRO e WH em (30) (numeração de Williams) e marcadas casualmente ao contrário de PRO em (29) (id.). A necessidade de transmitir função temática impõe que a variável apareça numa posição temática marcada casualmente se admitirmos que a condição de "visibilidade" imposta por Chomsky à atribuição de função temática a um SN se aplica neste caso:

"... Uma função temática é atribuída a um elemento α numa posição tematicamente marcada P e é então herdada por um argumento na cadeia contendo α , mas só se a cadeia tem caso..." Chomsky (1981), p. 334.

(53) e (54) mostram casos em que o predicado é \bar{S} . Nesse caso o que verificamos é uma escolha possível entre dois tipos de predicação - a prevista por Williams, ou seja, a relativização clássica, e a retomada pronominal. No segundo caso, há uma superposição de duas estruturas: a de relativa - marcada pela presença do complementizador que - e a de topicalização, marcada pela presença do pronome. Nos dois casos, a relação de c-comando entre o SN e o \bar{S} se dá de maneira crucial. O PB sendo uma língua em que o tópico é proeminente, a tendência é atribuir ao SN a função de tópico, ao estabelecer uma vinculação direta com um pronome da sentença encaixada, que assume assim um caráter mais de comentário do que de relativa com interpretação de determinação. Como vimos, essa proeminência de relação tópico-comentário só não é possível quando a interpretação de determinação é tornada obrigatória pela presença de ope

radores lógicos em COMP, reforçados pelo uso do subjuntivo.

Em posição objeto, encontramos a alternância pronome variável de discurso que se dá nas frases simples. Contrariamente ao que se verifica na posição sujeito, a escolha do pronome ou da categoria vazia não tem tanta incidência sobre a interpretação das frases ou sua gramaticalidade já que a categoria vazia pode ser a variável de discurso que identificamos em II.1. que, da mesma maneira que o pronome, é vinculada pelo tópico - ou seja, nos termos de Williams (1980), funciona como variável de predicado, numa estrutura gerada pela regra (55) ou numa estrutura das relativas.

Na posição sujeito em que uma variável de discurso é impossível (cf. II.2.), a alternância dá-se entre pronome e variável de frase. A escolha tem assim incidência sobre a interpretação e, como vimos acima, nem sempre é possível. Acrescentamos que, no caso de aparecer uma categoria vazia, esta, segundo Williams não tem função de variável de predicado. Conforme a configuração (30) (numeração de Williams) acima, esse papel é desempenhado pelo elemento relativo em COMP. Temos assim uma alternância entre pronome relativo em COMP e pronome lembrete diretamente na posição temática. Nesse caso, podemos pensar que o que aparecendo no COMP é simplesmente a conjunção. Isso vai no sentido da análise dos gramáticos do português citados por Mollica:

"Consignou-se aí a tendência a fazer da partícula que um conectivo geral, até equivalente a e de sorte que o pronome que relativo perde a sua função sintática na oração que rege." Mattoso Câmara apud Mollica, p. 20.

"Frequentes vezes, a linguagem coloquial e popular despem o relativo de qualquer função sintática, tomando-o por simples elemento conectivo oracional. A função que deveria ser exercida pelo relativo vem mais adiante expressa por substantivo ou pronome. A este relativo, chamamos universal." E. Bechara, apud Mollica, p. 21.

A diferença entre a nossa análise e a destes gramáticos é que eles partem da noção de relativo, como primitivo, e consideram que a língua popular tira deste "a sua função sintática". A análise clássica no quadro gerativo-transformacional considera, ao contrário, que o que do português ou do francês é a própria conjunção de subordinação e que a interpretação de relativização é devida à presença - não realizada foneticamente - de um elemento relativo transportado em COMP por uma regra de movimento.²¹ No quadro atual, podemos manter esta análise com uma modificação: não derivamos a presença do elemento relativo em COMP de uma regra de movimento mas da definição funcional da categoria vazia: esta em posição sujeito de uma relativa só pode ser uma variável de frase. Com efeito, não pode ser nem variável de discurso (cf. II.2.) nem pronominal já que a vinculação pelo SN mais próximo - a cabeça da relativa - equivaleria ao efeito da regra de predicação, correspondendo a uma vinculação -(A) (o que contradiz a definição funcional das categorias vazias pronominais, cf. mais acima).

Mas a interpretação de variável de frase implica a presença de um elemento vinculando essa variável em COMP: o pronome relativo. Chegamos assim à conclusão que o que está em jogo na alternância pronome/categoria vazia em posição sujeito de uma estrutura de tipo SN \bar{S} é a interpretação do complementizador que como pronome relativo ou simples "corretivo oracional" - o mesmo que introduz os outros tipos de subordinadas.

III. CONCLUSÕES E REFLEXÕES GERAIS SOBRE A DISTINÇÃO PRONOME/CATEGORIA VAZIA

Tentamos mostrar que a noção de "língua de tópico" nos permita dar conta da distribuição particular das categorias vazias e dos pronomes em português do Brasil. Voltando à generalização (3) que apresentamos na introdução deste trabalho, verificamos com efeito que a gramaticalidade da presença do pronome em estruturas relativas e a possibilidade da categoria vazia em frases simples são devidas à possibilidade de vinculação direta desses elementos por um SN em posição de tópico.

Chegamos assim ao seguinte quadro:

	<u>posição sujeito</u>	<u>posição objeto</u>
<u>frases simples</u>	- pronome - *categoria vazia	- pronome livre ²² - categoria vazia (variável de discurso)
<u>orações relativas</u>	- pronome possível quando não é obrigatória a interpretação de variável vinculada por um elemento em COMP - categoria vazia com interpretação de variável vinculada por um elemento em COMP	- pronome possível quando não é obrigatória a interpretação de variável vinculada por um elemento em COMP - categoria vazia com interpretação de variável de discurso ou de variável vinculada por um elemento em COMP
<u>orações completivas</u>	- pronome remetendo a uma pessoa ou uma coisa do contexto (livre) - categoria vazia pronominal vinculada por um SN em posição-A na oração matriz	- pronome remetendo a um SN em posição-A na oração matriz ou livre ²² - categoria vazia vinculada pelo tópico (variável de discurso)

Devemos acrescentar a este quadro o caso das frases representadas por (21) - (24) e (29), (30), por exemplo (21) e (20) que repetimos aqui como (57) e (58):

(57) Fabricaram camisetas e venderam [e] no Brasil inteiro

(58) Vou experimentar esse cavalo antes de comprar [e]

Nesse caso, há vinculação de uma categoria vazia por um SN no primeiro S funcionando como tópico do segundo S (cf. II.1.). Assim, a discussão destas frases s̄o envolve a posiç̄ão objeto, j̄a que em posiç̄ão sujeito n̄o pode haver variável de discurso. A pergunta interessante que surge é se, neste caso como no caso das relativas, o pronome lexical pode aparecer no lugar da categoria vazia objeto com o mesmo valor de variável de discurso vinculada pelo SN da primeira S. Essa discuss̄o tem uma certa relevância em relaç̄o à análise que Chomsky faz das estruturas em que aparece um "vazio parasítico" e relaciona-se também com a distinç̄o muito nítida que fizemos acima entre variável e pronome no que diz respeito às categorias vazias. Chomsky considera com efeito que, no caso dos "vazios parasíticos" a categoria vazia é originalmente pronominal:

"O vazio é simplesmente a variante fonologicamente nula do pronome que pode também aparecer nessa posiç̄ão. O vazio parasítico é uma variável em estrutura-S e em forma lógica. Podemos dizer que é sintaticamente uma variável no sentido que cai no domínio de um operador, enquanto que é semanticamente um pronominal, como indica seu estatuto em estrutura profunda ("D-structure")." Chomsky (1982), p. 33

A pergunta que colocamos é justamente se um pronome pode também aparecer nessa posiç̄ão: Se n̄o for possível, o raciocínio de Chomsky tal como aparece nessas linhas sairia enfraquecido.

Ora, podemos construir frases do tipo de (57) e (58) em que um pronome aparecendo no lugar da categoria vazia, n̄o é vinculado pelo SN mas remete a um ser ou um objeto ao qual j̄a se referiu no contexto. Aliás, nessa mesma posiç̄ão, pode aparecer um SN lexical:

(59) vou experimentar a égua antes de comprá-la/ela

(60) vou experimentar a égua antes de comprar a charrette.

(59) é ambíguo. O pronome tanto pode referir a égua quanto a charrette, como é o caso em (60). Podemos fazer a mesma observaç̄o a respeito de frases contendo "vazios parasíticos" em inglês:

(61) I met the professor that John sent his book to in order to impress him
(exemplo (33) de Sells e Chao)

(62) I met the professor that John sent his book to in order impress Bill.

Contrariamente ao que ocorre com a categoria vazia, him em (61) não é obrigatoriamente correferente de professor. Esse fato é reforçado pela possibilidade de aparecer um SN lexical na mesma posição em (62).

Temos assim uma distinção fundamental entre dois tipos de estruturas: por um lado, as estruturas de predicação em que a presença de uma variável é tornada obrigatória pelo próprio fenômeno de predicação e em que essa variável pode ser um pronome. Vimos que nessas estruturas a relação de c-comando entre o SN e o predicado é essencial. Por outro lado, observamos estruturas em que não há c-comando entre o SN lexical e a variável. Nesse caso, a vinculação só é obrigatória quando aparece uma categoria vazia. Ora, podemos pensar que o que torna obrigatória essa vinculação é o caráter obrigatório de variável da categoria vazia objeto. A única razão de lhe atribuir alguma identidade com o pronome - a sua suposta equivalência semântica - não resiste aos fatos. Não vemos portanto razão de considerar que se gerar uma categoria vazia pronominal que se torna variável no decorrer da derivação.²³ Por outro lado, seria aproximar esse caso do da predicação não levando em conta o caráter justamente oposto destes dois tipos de estruturas quanto à condição de c-comando.

NOTAS:

1. Devemos ressaltar que o pronome lembrete nas relativas aparece marginalmente em registros orais do inglês e do francês mas a sua frequência é muito inferior à do PB. Segundo Tarallo (1983) a retenção pronominal nas relativas em inglês é de 2,5% contra 9,5% no corpus estudado por ele.
2. "Conditions on Rules of Grammar", *Linguistic Analysis* II, 4, 1976.
3. op. citado, p.182. Os dois outros períodos correspondem respectivamente à primeira e segunda metade do século XVIII.
4. cf. Li, C. e Thompson, S. "Subject and Topic: a new typology for language" in C. Li (Ed.) Subject and Topic, New York, Academic Press, 1976.
5. No seu livro Gramática do infinitivo português, Perini considera que no caso da referência, a "supressão do sujeito" pronominal é obrigatória ou seja que as frases seguintes são agramaticais com a interpretação de co-referência entre o SN sujeito das frases matrizes e o SN sujeito das frases encaixadas:

*Chico_i disse que ele_i está ocupado

"Eles_i lamentam que eles_i estejam ocupados

op. citado, p. 101

6. " α is locally bound by β if and only if α is X-bound by β , and if γ y-binds α then either γ y-binds β or $\gamma = \beta$ ". Chomsky (1981), p. 185.
7. A definição exata da noção de c-comando é mais complexa e ainda muito controvertida mas a que damos aqui - a primeira proposta na literatura - serve perfeitamente para os nossos propósitos.
8. Esse é um problema geral para as regras de apagamento nesta fase da teoria. Uma teoria envolvendo uma concepção suficientemente ampla de categoria vazia deve permitir a supressão do recurso à regra de apagamento. Deve-se notar que o trabalho de Wheeler citado é anterior às propostas de Chomsky no sentido da definição funcional das categorias vazias.
9. Há razões de pensar que a coordenação se dá a nível de S, desempenhando um papel de conectivo discursivo.
10. Cf. Chomsky (1982). Trata-se de frases em que aparece uma categoria vazia numa posição a partir da qual as regras de frase não permitem movimento mas que parece ser possibilitada pela presença de uma outra categoria vazia normalmente vinculada por um operador em COMP. Daí a denominação de "parasita".
11. Deve-se mencionar que a gramaticalidade de (35) bem como a agramaticalidade de (33) podem ser discutidas na base da intuição de certos falantes. Moreira (1983) aceita (33) com a interpretação reflexiva. Pode-se pensar que para esses falantes ele remete sempre ao tópico, o que permitiria a co-referência em (33) se João for interpretado com o tópico discursivo e dificultaria a co-referência com João em (35) por não ser o tópico discursivo da S encaixada sob dizer.
12. Talvez se possa entender a CGR como uma versão do princípio das categorias vazias para as categorias vazias pronominais. É nesse sentido que vai a análise que propomos mais abaixo para dar conta das particularidades do PB quanto à concordância.
13. Isso explicaria a possibilidade, em PB, de aparecer uma frase com sujeito não lexical, com interpretação de "referência arbitrária" cf. meu trabalho de 1983. Tenciono retomar a análise desse fenómeno em ligação com o que está proposto aqui num trabalho ulterior.
14. Cf. Givón, T. "Topic, Pronoun and Grammatical Agreement", in C. Li (Ed.) Subject and Topic, New York, Academic Press, 1976.
15. Cf. nota 13.

16. A transcrição é de Mollica.
17. Chao e Sells remetem ao artigo de Evans "Pronouns", *Linguistic Inquiry*, 11, 1980.
18. O que explicaria os casos em que as intuições oscilam entre uma interpretação "livre" e uma vinculação pelo tópico, cf. nota 11.
19. Para a análise dos clíticos no quadro teórico de "regência e vinculação", ver Chomsky (1981), 4.6.
20. Cf. o "critério temático", Chomsky (1981), p. 36.
21. Cf. em particular Chomsky (1977) e Kayne "French Que", in *Recherches Linguistiques, Université Paris VIII*, 1975.
22. Com as ressalvas das notas 11 e 18.
23. Esta análise aponta assim para a necessidade de considerar a possibilidade de uma variável de discurso - não gerada por movimento - aparecendo marginalmente em línguas "sentence oriented", quando o tópico que as vincula já está marcado sintaticamente pela presença de uma variável de frase (cf. II.1., a propósito dos exemplos (29), (32)).

REFERÊNCIAS:

- CHAO, W., P. Sells (no prelo) "On the interpretation of resumptive pronouns", in *Proceedings of NELS 13, Amherst, GLSA*.
- CHOMSKY, N. (1977) "On Wh-Movement", in P. Culicover, T. Wasow, and A. Armajian, eds., *Formal Syntax*, Academic Press, New York.
- (1981) *Lectures on Government and Binding*, Foris, Dordrecht.
- (1982) *Some Concepts and Consequences of the theory of Government and Binding*, MIT Press, Cambridge.
- GALVES, C. (1983) "Algumas diferenças entre Português de Portugal e Português do Brasil e a teoria de regência e vinculação", a ser publicado nos *Anais do Congresso sobre a situação atual da Língua Portuguesa no Mundo*, Lisboa.
- HUANG, C.T. (1983) "On the distribution and reference of empty pronouns", ms.
- KATO, M. (1981) "Orações relativas: variação universal e variação individual no português"

tuguês", in Estudos Lingüísticos V, PUC, São Paulo.

MOLLICA, M.C. (1977) "Estudo da cópia nas construções relativas em português", dissertação de mestrado, PUC, Rio de Janeiro.

MOREIRA, S. (1983) "Etudes sur la symétrie et l'asymétrie SUJET/OBJET dans le portugais du Brésil", Tese de doutoramento de 3º ciclo, Universidade Paris VIII.

PONTES, E. (1981) "Da importância do tópico em português", in Anais do V Encontro Nacional de Linguística, PUC, Rio de Janeiro.

TARALLO, F. (1983) "Relativization strategies in Brazilian Portuguese", tese de doutoramento, Universidade da Pensilvânia, Philadelphia.

WHEELER, D. (1981) "Object deletion in Portuguese", ms.

WILLIAMS, (1980) "Predication" in Linguistic Inquiry 11, 1, MIT Press, Cambridge.